

Horácio se construiu, ou desejou, ao menos, para si, um monumento mais duradouro que o bronze.

Virgílio preferiu “um templo de mármore / sôbre a verde grama”.

Eu não sei se essa civilização que está aí, na sua fúria, quererá um dia destruir o monumento de Virgílio, isto é a sua memória.

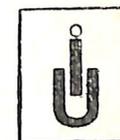
Mas em caso afirmativo, permiti que eu peça para êle desde agora, aquilo que êle pediu para Troia, na véspera de ser destruída — o direito de ser enterrado, ao menos com o seu próprio nome...

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Emilio Orozco Dias, Sobre el sentimiento de la Naturaleza en la poesia española. Rev. de Ideas Estéticas, nº 93 (1966) pp. 3 y ss.
- 2 — Lucrecio, Da Natureza, Ediç. Ouro. MCMLXVI, p. 89.
- 3 — Emilio Orozco, l. c. p. 5.
- 4 — Lorenzo Riber, Obras Completas de Públio Virgílio Marón y Quinto Horácio Flaco, Ed. Aguilar, Madrid, 1941, p. 8.
- 5 — Lorenzo Riber, l. c. p. 9.
- 6 — Michael Grant, O Mundo de Roma, Lisboa, 1967, p. 67.
- 7 — Carducci, Per l'inaugurazione d'un monumento a Virgilio, in Pietole, Prose, p. 1092.

**MARIA JUDITE  
DA COSTA LINS**

# POEMAS PREMATUROS



REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Vol. II — Nº 2 1971

RECIFE

## TELHADOS AZUIS

São telhados de pobres,  
telhados de zinco,  
eu, também, de palha de coqueiro.

Telhados que têm pedaços do céu,  
azuis, azuis, e, de dia,  
raios de sol — inundam de luz.

E o azul é mais azul.  
Cai a noite, véu de estrêlas  
que espiam, olham e entram

nos barracos humildes.  
E o azul é escuro,  
Escuro, mas ainda azul.

Pedaços do céu,  
sôbre vidas,  
vidas que sofrem, lutam,

e amam.  
E, com telhados azuis,  
encobrem tristezas, protegem amôres.

Pedra dura e quente de  
beira de estrada.  
Rocha cinzenta que, sob  
o sol, brilha.

Quantas gôtas de sangue, não,  
lágrimas, talvez, nem sei,  
desceram por seu lombo,  
que não é macio...

O desejo  
Os olhares puros  
Os cactos cheios de espinhos  
E uma única flor.

Imaculada,  
à espera da hora do sacrifício,  
enquanto a poeira colore e mancha  
as alvas pétalas, cheias de beleza.

Ali estava, para mim, a mão.  
A mão estendida,  
magra; e eu não dei nada.

Pobres, famintos,  
esfarrapados, vivem,  
ou por outra, se arrastam,  
pelas calçadas, pela vida.  
Com as mãos estendidas,  
aos irmãos que passam, passam,  
numa confusão de pernas,  
saias e perfumes.

## A NOITE

Gomos de gêlo, cortantes  
e frios; afiados,  
penetravam na garganta da tarde,  
matando-a, pouco a pouco...

Colocavam um frio áspero  
no coração negro, que  
a luz do poste iluminava.

Pedaços de tristeza se  
juntavam, reunindo  
num quebra-cabeça lúgubre,  
a noite que descia.  
Escondendo amarguras,  
ocultando a torpeza, a maldade,  
cúmplice do homem, escura  
e preta noite que chega.

## A BOLA DE MEIA

Uma janela fechada.  
Quadrados de quatro lados.  
Mas são só três quadrados.  
Não quatro quadrados de vidro.

Aquêles um que falta,  
para que formem quatro lados cada,  
se quebrou. Acabou-se.

Foi uma bola velha.  
Remendada e consertada.  
Bola que trazia sonhos,  
lembranças alegres e tristes.

Jôgo de rua. Menino pobre.  
Bola lançada à vida,  
carregada de desejos, pedidos  
que se espatifaram com o vidro.

Um ano a mais, outro se vai,  
a angústia terrível, indefinida  
pelo que termina . . . ou  
pelo que vem.

Um desejo de ser criança,  
para sorrir, em vez de chorar.  
E ficar feliz.

Mas, a mão que acaricia  
a mão  
é uma chamada para a  
realidade.  
Para a vida presente, e  
o Amor que surge.

O gemido subia, triste, lento,  
saído da alma, do corpo doente.  
Recolhida nas lágrimas,  
a saudade banhando pétalas de lençol.

O choro se aproxima, cruel,  
passos vagarosos, ritmados.  
A dor vai chegando, a ausência.  
Certeza que fere, ânsia de olhar.

Inquieta, balouçante, por um  
fio suspensa, luzindo e  
apagando, indo e vindo.  
Uma voz; irá para não  
mais voltar. Solidão de um todo,  
presença que se esvai, e a  
bruxoleante luz que treme,  
diante da vida que suspira,  
o dia morre, lento e calmo.

Efêmero sonho que se partiu  
como um copo que se quebra,  
caído das mãos de uma criança.  
Rompe o chôro barreiras infinitas  
de uma desilusão sem fim.

Felicidade que se esvai,  
contida em cada pedaço de vidro,  
cada um é um grito, lamento,  
cacos que penetram e rasgam,  
ferindo a carne e o coração.

A saudade que não quer falar,  
mágoa triste que corta, silenciosa,  
a lembrança que não volta.  
Sem dor e tortura, ela vai  
por entre espaços eternos.

Infundáveis mistérios, da vida  
essência mais pura. Mais perfeita.  
Plagas imensas, vazios desertos  
de coração que não é coração.

Espada fincada, sangue e sal  
nos lábios, um grito surdo,  
uma ânsia, o desejo frustrado,  
Morre sem último suspiro,  
a esperança imortal, eterna ironia.

Que aconteceu?  
Céu mais azul, mais cheio de estrêlas...  
Quem vai se casar?  
As nuvens parecem véu de noiva, grinaldas...  
Cheiro de cravo no ar —  
será que é entêrro?  
Morre gente, nasce gente, casa gente.  
A vida chora e ri as mesmas lágrimas.

Que aconteceu com o mundo?  
Amanhece dia, sol se põe,  
e tudo no mesmo, igual.  
Namorados por aí, fazendo promessas,  
amor de tôdas as maneiras.  
Sorriso triste, alegre e não-sorriso.

Que aconteceu?  
A noite se estende, imensidão,  
vazio nos corações, nos olhos.  
Até nas ternuras. Que aconteceu?

Felicidade se esvaindo,  
aconteceu o fim da esperança?  
a ilusão morreu?  
mas, que aconteceu na noite?

Rude, despertar triste, sonolento  
para mais um dia, trabalho,  
outro de barriga vazia,  
longo, cansativo, dia sem fim.

Tristeza de esfregar os olhos  
para não ver a miséria,  
no chão de terra, sujo,  
na parede de barro, as mãos,  
um espreguiçar enorme.

Saudade distante, remoendo,  
do tempo de criança pobre,  
pés descalços, sem comida também.  
Alegria; ingênuo a correr,  
atrás de carneirinhos,  
bolas e arcos de nuvem.

Tempo que vai longe,  
dobrou esquinas e vidas,  
fugindo do paga-figo,  
escapando da miséria.

## PEDESTRES

Passei os olhos pela rua.  
Que vi?  
Gente batendo uma na outra  
andando depressa.  
Máquinas que se moviam e  
se mexiam, barulhentas.  
Puxavam as pernas,  
passavam, e não paravam.

Calçadas apinhadas,  
de saias, de môças bonitas.  
Homens apressados que,  
no vaivém eterno  
de um mar enorme, viviam.  
Onde as águas se separavam,  
não estando juntas, mas, sim,  
dissociadas e independentes.

Ombro a ombro, ou  
espuma sôbre ondinha.  
E o olhar indiferente,  
de quem não é irmão.  
E passa de bandinha, sem ver.

Procurei o Amor, e  
não o achei entre pedestres.

## ALGUMA NUVEM

Há sempre alguma nuvem para tapar o sol.  
Ou o fraco brilho de uma estrêla  
de noite apagada.  
Horizontes de fronteiras infinitas,  
misteriosas marcas invisíveis assinalam um fim.

Um sabor ao mesmo tempo doce e amargo.  
A quebra de um limite transcende o ser.  
Não apenas o mundo, mas os olhos ensombrados  
por névoas geladas, e sal,  
no gesto de bondade. Ou, a onda,  
em fragmentos de espuma, sonhos, mentiras...

O desejo se apagando sob o arco-íris lançado  
na avenida. O concreto queimando, plágio  
ao calor a cair em lava nos  
ombros dos apanhadores de caranguejo.

Lama e água, pés nus, na areia mole.  
E o carro veloz que batia no ônibus.  
Tão cheio. Repleto de mentes tão opostas.  
Idéias diversas nas conversas esparsas.  
A noite sôbre o céu, engolindo poucos  
retalhos esfarrapados.

Mais um dia se fôra. Morreu. Em seu bôjo,  
uma ilusão a menos. Um abraço perdido na esperança  
de um amanhã. A solidão envolve os corpos unidos  
pelo pouco espaço do ônibus, se estende mais além.

Vai até onde a vista alcança. Dentro de casa,  
entre paredes, nas dunas das praias,  
jogando bola com as crianças.

Tem coisas que acontecem  
e a gente nem sabe como.  
Assim, tão de repente,  
como cinzas de uma vida cremada,  
e envolvem, e se espalham e  
transtornam tudo.

Desagregam os seixos da rua  
em pó, migalhas de nada  
sôbre um caminho que  
não leva a lugar algum.

E um coração bate acelerado,  
para depois emudecer.  
Esfria o corpo morto na luta, e  
que descansa agora atrás do cimento,  
quase tão gelado quanto o abandono  
em que sempre vivera.

O tempo passa,  
vândalo invencível, saqueador de lembranças,  
oh, terrível assassino do amor.

Como se fôsse uma flor,  
o cata-vento girou,  
e soprou ventos, suspirou.

Nas estrêlas, no mar,  
como se fôsse a vida,  
um sonho e a espera.

O nada, pelo riso,  
ôco e triste, de um rosto,  
de uma esperança morta.

Como se fôsse o amor,  
brilham as palavras e  
os gestos  
num mundo que gira,  
como se fôsse um cata-vento,  
rodando, risonho e belo,  
como se fôsse uma flor

Que um dia, passada a noite...  
como se fôsse saudade...

## PÁSSARO DA LIBERDADE

Se tudo fôsse o azul  
e nas asas do tempo  
voasse, deslizando a vida,  
talvez mais livre seria,  
que o pobre pássaro  
uma simples sombra na calçada,  
cinzenta e morta, tão  
assim, feia, estirada  
e por todos pisada.

Nunca poderás alçar vôo.  
Teu mais alto céu  
é a dor de chorar poeira  
por entre frestas,  
que o vento sopra nas fôlhas.

E mais se esforça,  
e dança, e se alonga,  
pobre pássaro, eterna mancha,  
sombra de árvore de rua.

## MORTE NO AZUL

Se a massa imóvel do mar azul,  
sob o sol dourado e um céu,  
também azul,  
estaticamente me fixasse...  
eu choraria a tristeza,  
que desceria pelos caminhos  
ignorados do meu rosto,  
em grandes e grossas lágrimas.

Cairiam na areia da praia,  
e seriam sugadas,  
pois, de nada valeriam...  
as lágrimas que o amor chorou.

E aquela imensidão azul,  
infinito espelho a brilhar,  
sòmente a sua face refletirá,  
mas pálida e morta, e fria,  
como o amor que vaga ao léu  
sem uma pousada, ou um abrigo,  
caminhando até morrer de morte de amor.

Renovação, sim senhor,  
é preciso saber fazer.

E amar, amar  
muito, até morrer.

De repente a mão negra  
enorme  
estrangula o sol,  
forte e poderosa,  
lentamente, apertando, e  
esmagando o fogo.

Corre o líquido que é  
dourado e pegajoso,  
manchando o céu,  
as nuvens, até cair no mar,  
nas areias, antes tão alvas.

Se derramando por sôbre a terra  
e as flôres, agora amarelas.  
E as cabeças das criancinhas,  
a saudade de um adeus,  
que, embora côr de ouro,  
é triste; mais triste do que nunca.

Uma solidão dourada,  
e só, sòmente só,  
abandonada.

Anda, amor, corre  
e pega o último clarão  
de lua quase cheia.

O olhar azul do mar  
para o céu,  
e do céu para o mar.  
Azul de sonhos de nuvens.

Pisa no acelerador, e  
vai ligeiro atrás de ventos.  
Colhendo suspiros da noite  
e ouvindo as estrêlas,

sorriram de nossa pressa.  
São presentes para o Menino,  
o luar, e a brisa e o mar,  
de dois peregrinos que passam.

E, uma pesada nuvem que trazia  
pesadelos em seu bôjo prateado,  
(no entanto lúgubre)  
envolveu e sufocou os azuis.  
Brilhantes azuis volitantes,  
de uma saudade infinita  
que paira no ar, suspensa, indefinida.

Na Terra, sepultada a dor, apenas  
uma única flor, que,  
por estar sòzinha, em desespero,  
chorava pétalas e pistilos  
numa chuva de tanta consistência  
como a espuma de um mar,  
também azul, também verde.

E às vêzes cinzento de tristezas.  
Solidão que empana as ondas e  
desfaz a renda de um sonho.  
Morto e frustrado desejo que  
se desmancha em borbulhas mansas,  
risonhas e balbuciantes crianças,  
à sombra de uma pesada nuvem.

Se o momento exige e reclama,  
então deve o poema ser parido.  
Entre o sofrer e a ansiedade,  
envolto em halos de luz  
é por fim nascido, o poema.

Respingado de sangue,  
salvo das águas de um vazio sem fim,  
é a vida e a morte reunidas  
num dado instante que não dura  
mais que um segundo,  
na eternidade que pesa sôbre  
cada uma de suas palavras.

É o grito primeiro de um choro,  
um soluçar sem nunca parar,  
lágrimas que não deslizam,  
dor que se renova e latejante,  
sem cessar valoriza e cresce  
o poema que é quase nada ainda.  
Semente de uma fôrça que não existe.

Sob a tremenda e misteriosa fôrça  
de um céu cinzento demais, ou  
da noite que não chega,  
mas já existe desde a manhã,  
o dia se arrasta lerdo e pesado  
pela carga inútil e morta,  
nos sorrisos inexistentes de corações vazios.

Se uma fogueira crepitasse...  
e em algum lugar, não sei,  
uma labareda subisse  
até o céu, e incendiasse o azul,  
botando fogo nas nuvens apáticas;  
e tudo tornasse vermelho  
como as faces de uma adolescente  
após o primeiro beijo de amor;  
haveria, então, o milagre, o grande milagre.

A aurora, atrasada e contudo ainda bela,  
surgiria no alto de um cogumelo  
espantando o seu fantasma, para longe,  
enquanto dissipava os resquícios de uma  
tenebrosa, estranha nuvem, igual,  
nunca vista, jamais, por ninguém,  
em firmamento algum, espaço nenhum,  
por êstes mundos afora, em paragens ignoradas.

Algo que não se define, e persiste...  
De uma flor invisível,  
não se conhece a essência, apenas  
é sensível sua presença.  
Amorfa realidade, rígida talvez,  
e nada mais que isso.

Pode ser que as aves do céu,  
as da côr do céu mesmo, entendam...  
Até mesmo tentem em vão  
explicar, por seus trinados estridentes,  
todos os perigos inexistentes.

E tudo permanece escuro, em trevas  
como nas estórias de terror, um calafrio,  
o grito absurdo e a expectativa no temor.

É quase um pesadelo ou a idéia de  
uma fôrça maior, o enigma inalterável,  
a construir sua moradia, obstinada,  
entre os homens e seus pensamentos.

No azul uma esperança,  
que não é volátil, efêmera. Perdura no azul.

E o cinzento nada poupa,  
carrasco sem capuz, nem venda,  
ceifando o dia antes da tarde,  
e a noite sem a madrugada.

De nôvo o azul, a realizar o sonho feito luz.  
Feliz.

Luminárias piscam na avenida  
e são frias.  
Tremem porque são gélidas  
e continuam frias.

Indecisas, as trêmulas lâmpadas  
entre o entardecer, e o simular alvorada,  
na mescla luminosa de um soluço  
que se perde no alvorecer,  
ou, quando a tarde cai sôbre a praça,  
as débeis estrêlas de mercúrio tremeluzem.

A obscuridade em fragmentos, retalhos  
de uma madrugada antes da noite,  
entremeada de luz, risos e lágrimas,  
na calçada quase fria também,  
lança sombras, recolhe formas, vive sonhos,  
num jôgo intermitente, gerador de sofrimentos.

A poça d'água flagrou  
a última estrêla, e  
o derradeiro sorriso, que morria  
tragado no areal da minha bôca.

Sumiu, e pronto.  
Nenhum vestígio que ilumine  
ou uma marca no caminho.  
Inseguro, o soluço se suicida  
sem saber se nascia  
ou abandonava a vida.  
Apenas, naufragou nas profundezas.

A poça murchou...  
e lama...  
não reflete nem astros nem risos...

Tufos altos de capim, na beira da avenida,  
 saudavam, em infindável mesura,  
 o rastro da neblina escura dos ônibus lotados.  
 Também eram cortejados  
 a buzina, e mesmo o concreto  
 que corria pela estrada, atrás dos autos,  
 à procura de uma finalidade,  
 talvez inexistente, apenas vislumbrada.

Inclinando-se ao vento, homenageavam  
 o vazio do que partira.  
 Era tão rápido o movimento  
 que ninguém se apercebia.  
 Sêcas e verdes, abraçadas, se curvavam.  
 Corpos e palhas, se baixavam.

Velozes iam os homens, cegos  
 e indiferentes, sem retribuir,  
 nem ver o cumprimento...  
 Mais gentis as touceiras se faziam,  
 tão próximas, quase ao alcance das mãos,  
 e, no entanto, invisíveis.

Um rio que secará todo ano,  
 e as acácias caindo na calçada.

Uma despedida sem retôrno, ou  
 o partir para lá dos meus sonhos.

As mãos estendidas não alcançam  
 a borboleta, sempre à frente delas.

Nem tombam inertes e vazias,  
 permanecem, assim, brancas e tão caladas.

O rio torna a beber todo ano,  
 e mais douradas são as acácias.

Mas o instante perdido não volta,  
 embora a lembrança jamais seja extinta.

As mãos deslizam ao longo da decepção  
 e pendem junto a mim, fracas e tristes.

Algas verdes, e frias,  
no pescoço,  
em franjas de sêda antigas  
as lembranças doces.

A morte no rio  
é da ponte um apêndice.  
Gira no ar serena sombra  
do corpo que salta.

Vai para o mar, vai  
com um cortejo de baronesas.  
Ao encontro das ondas, vai  
seguido de pompas e nobrezas.

O sal nos lábios gelados  
é o batismo último, onde  
mil sargaços entrançados  
iniciam o ritual a Netuno.

Na lousa cinzenta de um mar  
parado e tenso de dor,  
com giz de angústia  
meu poema de amor escrevi.

Por uns instantes,  
efêmeros castelos de areia,  
a água o respeitou, quieta,  
imóvel, sem apagá-lo.

Lá longe, uma vaga  
bufando  
chegou,  
tantas rugas formando...

Borbulhas dissolveram palavras  
em solução de espuma e sonho.  
A canção tôda em ondinhas,  
que se desfazem na praia.

Incertezas diluem-se no ar,  
imitando a transparência da paz,  
enquanto a dor procura refúgio  
nas mais recônditas grutas do mar.

Onde as conchas são mais raras,  
formosas e pálidas donzelas,  
filhas prediletas do oceano  
e das noites, as mais belas.

Nascidas dum raio de luar,  
escondem-se aos olhos vis,  
levadas pelas correntes eternas,  
batidas pelas areias.

De encontro aos rochedos,  
por sob as ondas fortes,  
se esmigalham em fino pó.  
Ó sonhos mortos e desfeitos...

Das águas são a essência  
que, por mãos invisíveis, aladas,  
se evapora e ascende,  
nas madrugadas de lua nova.

Uma luz fraca e tonta  
no caminho a desbravar,  
em revólto oceano aponta...  
Apenas isso para contar...

É a história em voz rouca,  
por entre os vincos profundos  
onde o verniz é lembrança louca,  
perdida, por êstes mundos.

O cansado timão já foi guia  
e nem sabe mais isso quando;  
pois nada vale hoje em dia,  
há muito lhe roubaram o comando.

Uma luz fraca e tonta,  
no caminho a desbravar,  
em revólto oceano aponta...  
Apenas isso para lembrar...

Longe no tempo, em esquecida almanjarra  
ficou a rodar, lenta, sem descanso,  
a saudade, prêsa por estranha amarra,  
cativa e muda como um cordeiro manso.

A dor, no movimento, lerdo, triturada,  
em constante e inútil trabalho de moer,  
já não sente a tristeza, derramada  
nas lágrimas que chora o triste banguê.

Ruínas quase sem nenhum valor,  
perdido nos matagais imensos,  
o velho engenho ainda reclama amor,  
rejeita adeuses dos canaviais em lenços.

Como se a terra estivesse  
a reclamar, o corpo foi acolhido  
e envolto num abraço de mil grãos  
desce e repousa entre as areias.

Como se o solo exigisse  
para nova planta brotar,  
e encrustada no seio virgem,  
a flor por fim surgisse.

O choro de uma vida perdida  
será a chuva mais frequente,  
que fará nascer de seus olhos  
as mais belas rosas azuis.

E o vento olhará assustado  
sem conseguir entender,  
apenas, sussurrará docemente  
ao passar por estranho jardim.

Um cheiro de éter,  
trazido pelas mãos da tarde,  
é estranho sinal cabalístico...  
ou apenas uma sensação vazia...

Talvez seja o próprio eu  
a se diluir,  
e já nem mais seja.  
Pelos confins das eras  
em altos e inóspitos montes  
colhida a lágrima perdida;  
não mais tornarei.

No balanço de um terraço  
antigo; outrora as cantigas  
podiam, em vasos de melodia,  
tôda uma tristeza guardar.

É difícil, sendo nuvem,  
deixar o rastro do vento,  
e mais alto sobe, louca,  
rasgando-se em leves farrapos.

“Passarás, passarás,  
a bandeira há de ficar...”

Uma cantiga de roda  
que me leva a sonhar...  
Restos de antiga moda  
em surdina a cantar...

“Se não fôr o da frente,  
há de ser o de detrás...”

Vontade de sorrir,  
e ser ainda menina  
sem o vento sentir  
a soprar na esquina...

“Passarás, passarás,  
a bandeira há de ficar...”

Repete a voz distante  
o passado a repor,  
num chamado incessante,  
em seu doce langor...

Certa vez você me disse  
e eu fiquei sem entender...  
Como se num adeus partisse,  
e para sempre fôsse esquecer.

“— Já não serve para nada,  
nem sombra, numa copa morta  
em vestígios de taça esvaziada  
pobre flor que um sonho aborta.

- Mas não tem fôlhas, é vazia...”
- E sòmente nelas está a beleza?
- Diante de tanta poesia...
- E a vida que há com certeza...
- Por entre êstes emaranhados?
- De braços em desespêro infinito...
- De espinhos nos galhos fincados...
- E não valem como um grito?

Talvez seja uma miragem  
a seiva que corre agora  
ou apenas use como imagem  
num pedido que lhe chora.

Os escolhidos se ausentam  
apenas  
ou melhor  
principalmente

Coisa boa é água na montanha  
pura  
caindo  
relembrando

As cêrcas de madeira  
andam iguais  
bem brancas  
branquinhas

As cortinas nas janelas  
arregaçadas  
como as que a gente desenha  
quando é pequena.

## INFINITO

Encontra a linha do horizonte  
um caminho nôvo  
que não toca o mar  
que não toca o céu.

Segue o risco  
a vôo de pássaro  
sem que pedra alguma  
atinja suas côres.

Um grito acorda o vazio  
balança as nuvens  
dirige o olhar.

Tudo se perde  
disperso no azul azul  
adormece ainda o ideal.

## NOTURNO

As pálpebras da noite tremeram  
mas não havia lágrima  
que expulsasse tal cisco.

Boiando no imponderável  
minúsculo ponto luminoso.

E os homens olham o céu  
sem já poder distinguir  
se é estrêla ou espaçonave.

Numa órbita de incertezas  
multifacetada a terra  
de azuis e marrons e brancos  
é distante paisagem.

Pudesse a minha voz  
ser falada,  
ouvida  
e mesmo esquecida.  
Alçada  
e em canto  
transformada.  
Pudesse êste canto  
ser levado  
por crianças  
cantando  
e atravessasse  
fortes muros.  
Jamais conseguiria;  
e mais alto  
gritaria.  
Sem ser  
escutada.  
Um som mudo  
perambulando  
na tristeza  
inútil  
em seu destino.

Puro sentir que nada existe  
na paisagem sufocante  
estranho ser insiste  
fascinado, a olhar  
própria cabeça em esteira rolante  
a deslizar,  
em círculo constante  
sem nunca parar.

Pasmo diante de tal ser  
sem compreender a grandeza  
e a fôrça do milagre  
que lhe permite ver  
os olhos que giram,  
tão longe, sem tremer.

É grande sua dor,  
Don Quixote sem moinhos,  
lanças ao alto  
numa fúria sem fim,  
inútil.

Ei-lo ainda a vagar  
por estranhos desertos  
sem cabeça, ou certeza,  
eterno cavalgar  
entre sonhos despertos,  
procurando a beleza.

O nascer do sol se atreve  
a mais um dia  
fazer.  
A brilhar nas grossas nuvens  
e mais uma luz  
criar.

É do mar a rubra rosa  
em tal jardim  
florar.  
Um existir por entre águas  
e céus azuis  
partir.

Forjada de fogo e luz  
a cicatriz  
amada.  
Flama doendo no olhar  
inútil grito  
é chama.

Doce pêso a carregar  
e nem assim mais leve.  
É carga diária,  
sôbre o ombro vergado.  
Mais que hábito,  
chega a ser vida.

É quase que amargo  
a se derramar,  
em suor, na areia  
sêca, terra bruta  
de um chão agreste.  
Calcinado e ferido.

Cabaças badalando  
velhas canções de amor,  
em surdas pancadas  
gritam um tom rouco:  
— Caldo de cana, ô!  
— Caldo de cana, ô!

Diante da própria sombra,  
curvado, segue,  
às vezes também atrás.  
Segue o capricho do sol,  
num caminhar sem ritmo  
por estranhas veredas.

## PROCURA

Escuta a voz que canta alegre  
Escuta a voz que canta triste  
dentro de ti  
fora de ti  
é a mesma voz  
que põe flôres na mesa  
da casa branca e azul  
de beira de estrada.

Ouve o canto de voz alegre  
Ouve o canto de voz triste  
dentro da mata  
é uma lagoa rasa  
que nasceu com a noite.  
Em volta das árvores  
é saia que não voa.

Por vales e montes andei  
sem cansar,  
em busca de uma forma  
para a canção.

Esqueci o som  
Perdi a melodia  
enquanto a música, exausta  
de me acompanhar, morria.

## O GALO

Canta rouco o galo  
na hora do almoço  
criando insólitos tremores  
de antigos velórios.

Sinal que grita  
no calor do meio-dia  
de um telhado vermelho  
tocando o céu tão azul.

Paredes e janelas  
envolvem sua solidão  
de galo de cidade,  
que nem o fumo  
espanta nos anéis cinzentos.

E o galo repete estridente  
em penas eriçadas,  
sem saber-se arauto,  
cisca a terra,  
bica o vento.

## TENHO MÊDO DA PALAVRA

Tenho mêdo da palavra  
da alquimia de muitos segredos  
à procura de fórmulas  
vivas da surprêsa  
engolfando o eu.

Nuazinha,  
cercada de vazio  
perdida nas falas de montanhas  
que ferem a paisagem com o corte  
de irrequietas nuvens.

Dentro da concha fechada  
a voz ficou.  
Com pena de sair,  
o som vai ser rosa queimada  
entre páginas de romance.